

## ANÁLISE DE PROBLEMAS DE REFERENCIAÇÃO EM REDAÇÃO DO CLAC

### ANALYSIS OF REFERENTIATION PROBLEMS IN CLAC STUDENTS' WRITING

Joelma Castelo Bernardo da Silva<sup>1</sup>

Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt<sup>2</sup>

#### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar os problemas relacionados à progressão referencial em redação dissertativo-argumentativa de um aprendiz, utilizando a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier & Sweetser, 1996). O *corpus* empregado consiste na produção textual de um aluno do CLAC, pertencente à turma do segundo módulo de redação. A análise foi feita com base em um dos aspectos da microestrutura textual, nomeadamente à progressão da cadeia referencial construída pelo aluno ao longo do texto. Essa análise permitiu detectar quais deficiências são passíveis de ocorrer no texto do aprendiz de redação, sinalizando para elaboração de um planejamento focado no trabalho articulado entre o léxico e à coesão referencial.

**Palavras-chave:** redação dissertativo-argumentativa; microestrutura textual; referenciação.

#### Abstract

This paper aims to analyze the problems related to the referential progression in dissertational and argumentative writing of a student, using the Theory of Mental Spaces (Fauconnier & Sweetser, 1996). The chosen *corpus* consists of a textual production of a student from the UFRJ Language Courses Open to the Community - CLAC, who belongs to the class of the second module of writing. The analysis was based on one aspect of textual microstructure, namely the progression of the referential chain built by the student throughout the text. This analysis made possible the detection of deficiencies that are likely to occur in the text of a student of writing, pointing out the elaboration of a planning focused on the articulation between lexicon and referential cohesion.

**Keywords:** dissertational and argumentative writing; textual microstructure; referentiation.

## Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar os problemas relacionados à progressão referencial em redação dissertativo-argumentativa de um aprendiz, utilizando a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER & SWEETSER, 1996). Essa teoria cognitiva permite a proposição de um modelo para explicar como se constrói a cadeia de referências durante o processo de feitura de um texto, o que ajudará a identificar e entender as falhas no processo de referenciação que ocorrem nessa redação.

## Pressupostos teóricos

O funcionamento da língua não é ponto pacífico para os linguistas. A pergunta “Para que serve a linguística?” pode ser respondida sob óticas distintas entre os estudiosos da ciência da língua. Para as teorias formalistas, a língua é um sistema previsível e acabado, sendo seu enfoque o estudo do significado como estrutura autônoma. As teorias não formalistas, por outro lado, entendem o significado como um processo que se constrói à medida que modelos cognitivos são ativados no momento da interação. Assim, o estudo do significado para os não formalistas não deve se limitar a descrever modelos autônomos que explicariam a composição das formas linguísticas, mas sim utilizar-se destas como pistas para entender os “exercícios” que a mente faz para tecer o significado.

A construção do conhecimento é uma complexa rede de processos ativada pela cognição humana e que se materializa por meio da linguagem. Uma dinâmica de trocas acompanha a decodificação/codificação das palavras, frases, períodos que compõem a malha textual. Essa dinâmica consiste em basicamente dois movimentos: 1) *top-down*: projetar sobre o texto aquilo que já faz parte das bases do conhecimento do leitor; 2) *bottom-up*: retirar do texto informações que passarão a compor novos conhecimentos. Portanto, a cognição consiste em um fazer da mente humana que resulta em estruturas linguísticas visíveis.

Os textos são uma das portas de entrada para o estudo da cognição humana. A partir deles, a Teoria dos Espaços Mentais (TEM) tenta reproduzir o mapeamento referencial subjacente à estrutura linguística. A premissa dessa teoria está no fato de que a língua não é uma estrutura autônoma, e sim parte de uma complexa rede de processos simultâneos responsáveis pela construção do significado.

### **Justificativa**

O ensino da referenciação como um processo é importante, pois, apesar de terem estudado que certos termos gramaticais, como os pronomes, retomam termos anteriores, os alunos desconhecem que esses termos formam uma cadeia referencial no texto. Essa dificuldade acarreta o abandono do referente ou até mesmo o emprego de pronomes anafóricos que não se encontram ancorados a outro termo anterior, entre outras falhas. A fim de propor uma solução para esses problemas, é preciso recorrer a uma teoria que forneça instrumentos para entender por que eles ocorrem.

### **Corpus**

O presente trabalho é composto por uma redação escrita por um estudante do Ensino Médio para o curso de redação dos Cursos de Línguas Abertas à comunidade (CLAC), atendendo à seguinte proposta: redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema “O ato de escrever”, valendo-se de seus conhecimentos e dos textos abordados em sala de aula<sup>3</sup>.

### **Metodologia**

A TEM pode ser utilizada para explicar como se dá a progressão referencial em textos dissertativos-argumentativos (KOCH, 2000). Nesse momento, é importante entender a microestrutura do texto, no que tange à referenciação. Segundo Koch (1996), coesão “é um fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, formando sequências veiculadoras de

sentidos.” A nossa tarefa nesse trabalho é buscar entender de que forma ocorre essa interligação, utilizando os instrumentos da teoria supracitada.

Uma das características de um texto é a manutenção temática, percebida por meio da repetição de alguns termos na superfície textual. Essas repetições apontam para uma cadeia de referentes que se interligam por meio de processos que garantem a continuidade textual. Metaforicamente, isso significa dizer que cada proposição de um texto semeia o que virá a germinar em uma proposição seguinte.

Os Espaços Mentais são construtos mentais parciais nos quais está circunscrito cada um dos SNs do texto. A cada novo enquadre do referente, ocorre o seguinte processo: há um espaço base (EB), que é o espaço do reconhecimento da ontologia do referente, e, a partir desse EB, são criados novos espaços mentais que enquadram as contrapartes desse termo; os mecanismos de relação entre foco (informação nova) e ponto de vista (informação velha) servem de elo entre esses espaços criados a partir de um mesmo referente, fazendo o SN ser o mesmo — à medida que retoma um termo anterior; e diferente — à medida que recebe um novo enquadre. Esses processos se dão a partir da dinâmica de troca entre as funções foco e ponto de vista assumidos por SNs em cada momento do fluxo discursivo. Por meio dessa dinâmica, é garantida a progressão referencial de um texto.

Os problemas de referenciação procedem de falhas que ocorrem durante esse processo. A seguir, são discriminados os erros mais comuns com as respectivas descrições de suas falhas:

*Abandono do referente:* o referente aparece uma única vez no texto, não desencadeando o processo de continuidade por meio da dinâmica foco e ponto de vista;

*Opacidade referencial:* geralmente ocorre quando são empregados pronomes e palavras genéricas que não remetem a um ponto de vista que lhes justifique a existência e enquadramento no texto;

*Relação frouxa* (pouco nítida) entre as contrapartes de um mesmo referente: nesse caso, a relação foco/ponto de vista acontece, porém o vínculo entre os SNs é fraco devido à falta de exatidão semântica do termo empregado para desempenhar a função de foco;

*Problemas de pistas de contextualização*: ocorre quando os ESPECs e COMPs dos SNs estão mal empregados, podendo acarretar outros problemas, como a opacidade referencial;

*Ambiguidade referencial*: ocorre quando há dois termos concorrentes para desempenhar a função de ponto de vista de um mesmo foco;

*Ausência do referente*: conforme o próprio nome explica, significa que posições sintáticas não foram preenchidas por SNs.

Esses problemas foram devidamente tratados em Almeida (2010), que propôs uma fonte comum para as ocorrências encontradas em redações de vestibular da UFRJ: a *presunção de monossemita*, que consiste na não percepção do novo enquadre construído nos usos recorrentes de um mesmo referente em um dado texto, o que faz com que o aluno, ao compor um texto escrito, empregue o mesmo termo sem perceber sua polissemia. Uma vez que os alunos chegam ao curso de redação não dominando ou até mesmo desconhecendo o processo de confecção das referências, durante a feitura de um texto, é comum encontrar essas falhas em suas dissertações. Serão utilizados, portanto, os conceitos da TEM apresentados nesse tópico para explicar qual a origem do problema de referenciação observado na redação a seguir.

### **Apresentação da redação**

Segue abaixo a redação que é foco de análise neste artigo.

**Proposta de redação**: redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema “O ato de escrever”, valendo-se de seus conhecimentos e dos textos abordados em sala de aula. (25-30 linhas)

### **Reflexão social sobre o papel da escrita**

O ato da escrita não significa somente estabelecer a comunicação banal, mas foi através desse ato que povos, leis e culturas foram formadas. Assim, não se pode cercear como outrora, e sim gerar a reflexão na humanidade. Porque tal reflexão, trazida pela escrita, é o motriz para a evolução do homem como ser social.

Séculos atrás, somente quem “detinha” a escrita eram os religiosos da Igreja Católica. Pois a leitura e a escrita, caso fosse acessível a todos, gerariam a reflexão e a reação dos excluídos da sociedade. Logo, ameaçaria o poder do clero católico.

E séculos se passaram com este esquema. Após a aliança entre rei e clero a fim de legitimar mais poder, a forma de governar ficou mais arbitrária. E um segmento da sociedade pôs fim a isto devido a outros interesses econômicos, políticos sociais. Porém a forma de manipular o povo é que não mudou.

Fatos da história recente comprovam que ainda existam quem utiliza a escrita e o discurso para alienar como, por exemplo, Hitler, que se aproveitou da fragilidade do povo alemão e legitimou a ideologia nazista. E que com esta poderia subjugar os inimigos alemães e tirar seu povo daquela miséria. Adolf quando percebeu sua ascensão proibiu todos aqueles que o era contrários.

E um outro fato é recente na história brasileira fora a Ditadura Militar que reprimia e alienava a população com uma ideologia distorcida do capitalismo feroz. Cerceando a palavra que refutaria seu discurso.

Muito se luta para que na contemporaneidade a palavra, ou escrita, ou o ato de escrever seja livre para se expressar da melhor forma possível. Pois na sua essência a escrita é a única que pode gerar a reflexão.

### **Análise dos Espaços Mentais na redação “Reflexão social sobre o papel da escrita”**

Apesar de a redação analisada apresentar boas ideias, ela carece de uma estrutura referencial que a torne mais clara, exigindo que o leitor faça certo esforço para calcular a relação de sentido entre suas proposições. Esse problema ocorre, em parte, devido aos problemas relacionados à referenciação, os quais serão analisados nessa sessão. A argumentação do aluno busca justificar a tese de que as massas são manipuladas por aqueles que dominam o ofício das letras. No nível do microtexto, essa ideia núcleo dará origem à referenciação do termo “escrita” que recebe diferenciadas conotações ao longo do texto.

No primeiro parágrafo, aparece a primeira referenciação do termo “escrita” no SN “o ato da escrita”. No segundo parágrafo, o termo “escrita” é retomado duas vezes, no entanto, sendo usado para referenciar elementos

distintos. O primeiro SN “escrita” em “quem detinha a escrita eram religiosos da Igreja Católica” se refere à habilidade de escrever que somente o clero possuía. Já na proposição seguinte — “Pois a leitura e a escrita, caso fosse acessível a todos, gerariam a reflexão e a reação dos excluídos da sociedade” —, o SN “a escrita” apresenta um novo sentido, o de texto como material concreto, uma vez que é algo que pode ser acessível e cuja leitura provoca reflexão. Por último, o termo “escrita” aparece no último parágrafo — “ainda existam quem utiliza a escrita e o discurso para alienar”. Nesse contexto, a palavra “escrita” ganha o sentido de retórica, ou seja, de discurso que deseja convencer alguém de alguma coisa. No presente contexto, Hitler utilizou a “escrita” (no sentido de *retórica*) para convencer os alemães a respeito da ideologia nazista. A reiteração do termo “escrita” com variados valores semânticos aponta, em última instância, para não percepção por parte do aluno de que o termo é polissêmico. Caso essa característica fosse percebida e os referenciais fossem mais bem definidos, o texto progrediria de modo bem mais fluido para o leitor.

Em decorrência da presunção de monossemia, um problema de referenciação encontrado na redação do aluno foi a ausência de referentes. Isso ocorre no primeiro parágrafo, em que é feita a primeira a referenciação ao “ato da escrita” que deveria ser retomado como argumentos dos verbos “cercear” e “gerar”, ocupando a posição de sujeito neste e de objeto direto naquele. Porém, isso não ocorre, visto que não há o preenchimento dessas posições sintáticas. O verbo “cercear” aparece sem complemento, e o verbo “gerar” fica impossibilitado de receber sujeito, uma vez que se encontra na forma nominal de infinitivo. Portanto, o fluxo de referentes é interrompido em virtude da ausência de referentes.

No terceiro parágrafo, o aluno emprega o vocábulo “esquema” com a intenção de recuperar alguma informação descrita no parágrafo anterior que não é facilmente identificada. Ela pode ser tanto a inacessibilidade de textos escritos quanto à restrição da habilidade de escrever. Mais uma vez, a estrutura de referenciação se encontra debilitada, dessa vez por haver dois concorrentes para ser ponto de vista, provocando uma ambiguidade

referencial. Além disso, a relação entre as contrapartes fica frouxa devido ao fato de nenhuma dessas informações ser hipônimo de “esquema”. Sendo assim, a imprecisão semântica do foco com relação ao seu ponto de vista fragiliza a relação entre as contrapartes.

A análise de problemas relacionados à microestrutura do texto nos levou à origem da dificuldade que há em compreender as informações veiculadas pela redação. Em suma, os problemas quanto à referenciação do texto em foco foram: presunção de monossemia semântica, ausência de referentes, ambiguidade referencial e relação frouxa entre as contrapartes.

### **Considerações finais**

Os problemas de referenciação da redação analisada podem ser reflexos de algumas deficiências durante a formação escolar do aluno, entre elas a adoção de metodologias de ensino da língua materna que rejeitam a sua relação com o contexto extralinguístico e não contemplam a abordagem de mecanismos linguísticos relacionados a unidades maiores que o período. O não emprego de vocábulos mais específicos para delimitar o referente no texto demonstra que o aluno não tem conhecimento dos sentidos que as escolhas lexicais acarretam na construção global da sua redação. Consequentemente, são estabelecidas relações frouxas entre as partes que compõem a malha textual. Nota-se, portanto, que o excesso de informação sobre a forma como se estruturam palavras e períodos deixa lacunas no que diz respeito à estreita relação entre forma e significado subjacentes às cadeias de referentes nominais, no caso analisado.

Entende-se que esses problemas podem ser minimizados através de exercícios que priorizem o uso do léxico a serviço da construção de sequências textuais bem articuladas e estruturadas. Fica, portanto, uma sugestão que pode ser adotada para definir metodologias que priorizem o ensino do texto como um processo, que envolve dinâmicas muito diversificadas entre seus constituintes.



## Lista de abreviações

COMPs - Complementadores  
EB - Espaço base  
ESPECs- Especificadores  
SN - Sintagma nominal  
TEM - Teoria dos Espaços Mentais

## Notas

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística da Universidade de Lisboa.

<sup>2</sup> Professora Associada I da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisadora do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Faculdade de Letras - UFRJ, e do PROFLETRAS, Programa de Mestrado profissional em Letras.

<sup>3</sup> Proposta e redação em anexo.

## Referências

ALMEIDA, M. V. B. *Polissemia e progressão referencial em redações de vestibular*. Dissertação de Mestrado em Língua portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

FAUCONNIER, G. & SWEETSER, E. Cognitive links and domains: basic aspects of mental space theory. In: \_\_\_\_\_. *Spaces, Worlds and Grammar*. Chicago: University Press, 1996, p. 1-28.

KOCH, I. *Coesão textual*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 1996.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

## Anexos

### Proposta de redação

Redação I

Monitores: Diego Teixeira / Fernando Noronha / Tatiane Mano

### Texto 1



### Texto 2

#### **Condições da redação**

*J. Mattoso Câmara Jr.*

Há, portanto, como já foi salientado, uma arte de escrever – que é a redação. Não é uma prerrogativa dos literatos, senão uma atividade social indispensável, para a qual falta, não obstante, muitas vezes, uma preparação preliminar.

A arte de falar, necessária à exposição oral, é mais fácil na medida em que se beneficia da prática da fala cotidiana, de cujos elementos parte em princípio.

O que há de comum, antes de tudo, entre a exposição oral e a escrita é a necessidade da boa composição, isto é, uma distribuição metódica e compreensível de ideias.

Impõe-se igualmente a visualização de um objetivo definido. Ninguém é capaz de escrever bem, se não sabe bem o que vai escrever.

Justamente por causa disto, as condições para a redação no exercício da vida profissional ou no intercâmbio amplo dentro da sociedade são muito diversas das da redação escolar. A convicção do que vamos dizer, a importância que há em dizê-lo, o domínio de um assunto da nossa especialidade tiram à redação o caráter negativo de mero exercício formal, como tem na escola.

Qualquer um de nós senhor de um assunto é, em princípio, capaz de escrever sobre ele. Não há um jeito especial para a redação, ao contrário do que muita gente pensa. Há apenas uma falta de preparação inicial, que o esforço e a prática vencem.

Por outro lado, a arte de escrever, na medida em que consubstancia a nossa capacidade de expressão do pensar e do sentir, tem de firmar raízes na própria personalidade e decorre, em grande parte, de um trabalho nosso para desenvolver a personalidade por este ângulo.

A arte de falar não é mais do que uma mise-au-point dos predicados obtidos e consolidados no exercício da atividade oral de todos os dias. A arte de escrever precisa assentar, analogamente, numa atividade preliminar já radicada, que parte do ensino escolar e de um hábito de leitura inteligentemente conduzido; depende muito, portanto, de nós mesmos, de uma disciplina mental adquirida pela autocrítica e pela observação cuidadosa do que outros com bom resultado escreveram.

(In: *Manual de expressão oral & escrita*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 60)

### **Texto 3**

#### **A Última Crônica**

*Fernando Sabino*

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica. Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome. Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no

pratinho -- um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular. A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim. São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura - ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido - vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso. Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

(In: A Companheira de Viagem. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965. p. 174)